

Mario Kaplún: uma luz que continua acesa

No dia 10 de novembro de 1998, acenderam-se, na maioria dos países da América Latina, inumeráveis velas amarelas, em sinal de despedida do maestro argentino-uruguaio Mario Kaplún, que tinha falecido em Montevideu.

Mario era maestro por formação, mas tinha outra grande paixão: a radiodifusão. Com apenas dezessete ou dezoito anos de idade, iniciou-se no rádio, com o programa *El club del libre debate*, fruto de sua iniciativa, na Rádio Stentor, de Buenos Aires, no qual se discutia de tudo um pouco. A 1º de setembro de 1942, quando tinha dezenove anos, foi transmitido, na Rádio do Estado e na Rede Argentina de Emissoras Splendid, seu primeiro roteiro para a chamada *Escuela del Aire*. Tratava-se de um programa sobre a história argentina, que se converteu em experiência pioneira no campo da rádio educativa.

O maestro Kaplun deu notáveis contribuições para os estudos nas áreas da Comunicação e da Educação na América Latina.

Nos anos sessenta e setenta, promoveu animados debates na televisão do Uruguai, que ficaram famosos pelo caráter questionador da situação social e política que na época atravessava aquele país. Seus programas *Jurado número 13* (julgamento oral mesclado com ficção jornalística) e *El Padre Vicente* (radiodrama), tiveram ampla divulgação nas emissoras radiofônicas educativas do continente e foram muito utilizados por grupos na forma de cassete-fóruns. Além do mais, receberam diversos prêmios, não só pelo conteúdo como também pela qualidade da produção.

Seus livros *Producción de programas de radio*, *El comunicador popular*, *De la educación a la comunicación*, *Estrategias para la educación de adultos* recolhem suas preocupações em torno da educação para a comunicação e para os meios e sua fé na construção de uma comunicação dialógica.

Os inumeráveis artigos em revistas latino-americanas e textos de treinamento relacionados com a comunicação educativa, participativa

e popular foram e continuam sendo matéria-prima fundamental para a reflexão e a prática nestes campos de estudo e ação.

Comprometido com a causa dos pobres e marginalizados e votado ao trabalho junto a grupos e organizações de base, fez-se merecedor de um lugar destacado nos setores populares. Suas críticas combativas à ditadura militar uruguaia ocasionaram-lhe perseguições políticas, que o levaram, em 1978, a exilar-se na Venezuela. Já em 1952 tinha sido submetido a outro exílio, quando deixou a Argentina por causa da censura peronista, que tornava difícil seu desempenho como radialista, e foi instalar-se em Montevidéu e continuar seu ofício.

Viajante incansável, percorreu muitos países, tendo conhecido com profundidade os da América Latina. Ministrou dezenas de cursos em universidades, centros de comunicação e grupos populares, semeando no coração e no pensamento de muita gente a opção pela comunicação educativa ou – como preferia dizer nos últimos anos de vida, fiel à sua vocação pedagógica original – pela educação comunicativa.

Destacava-se em Kaplún a competência para atuar tanto no âmbito acadêmico quanto no trabalho educativo junto a movimentos sociais. Sobressaía também por seu espírito investigativo em constante movimento, aberto a uma revisão contínua de seu próprio pensamento. “Mesmo nas margens da morte, estava disposto a aprender, a questionar-se até o fundo. Porque, se tinha uma característica, era sua capacidade de estar sempre aprendendo. E, por isso mesmo, de ensinar-nos tanto” (Gabriel Kaplun, *Mario Kaplún, el viajero*, mimeo., 5 p.).

Mario era um homem de grande vitalidade e muito produtivo no campo do conhecimento. Que sua autenticidade, seu compromisso e sua honestidade nos sirvam de bússola nos caminhos da comunicação e da educação. Que sua sabedoria continue acendendo luzes para tornar realidade o sonho partilhado: uma comunicação realmente democrática, que contribua para a construção de um mundo mais justo e mais harmônico para todos.

Esmeralda Villegas Uribe

Colombiana, mestre em Comunicação Social pela Umesp,

é professora e pesquisadora da área do rádio no

Departamento de Comunicação da Pontificia Universidad

Javeriana, de Bogotá. Foi assistente de Mario Kaplún.

A história da imprensa brasileira segundo Nelson Werneck Sodré

Um autor é a imagem daqueles que ele frequenta.

Nelson Werneck Sodré, 1997

Faleceu na cidade de Itu, SP, no dia 14 de janeiro de 1999, o escritor Nelson Werneck Sodré, autor de uma vasta obra sobre a História do Brasil. Sua contribuição à historiografia nacional deve ser contabilizada não apenas pela quantidade e variedade de estudos publicados, mas principalmente pela linha interpretativa que adotou, ou seja, o materialismo dialético.

De formação militar, Sodré foi membro do Partido Comunista Brasileiro e pertenceu à equipe do Iseb (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), organismo criado durante o governo Kubitschek par dar sustentação acadêmica às teses desenvolvimentistas e nacionalistas então em vigência. Foi ali que ele liderou uma equipe de jovens historiadores responsável pelo projeto da História Nova do Brasil. Era uma tentativa nacional de revisão histórica, segundo os princípios domarxismo-leninismo, aparentemente abortada pelo golpe militar de 1964, mas que exerceu influência decisiva nas recentes gerações de historiadores brasileiros.

Foi justamente nesse período de reconstituição histórica de fenômenos singulares da sociedade brasileira que Sodré publicou seu clássico livro *História da imprensa no Brasil* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966). Trata-se sem dúvida alguma da mais completa obra sobre o desenvolvimento da imprensa em nosso País, analisando-a desde a etapa colonial, passando pelo império e adentrando o período republicano, até a década de 1950.

Antes desse livro, o conhecimento histórico sobre a imprensa brasileira era fragmentado, cobrindo períodos específicos ou limitando-se a inventariar jornais e revistas aqui editados. Por outro lado, ela inovou metodologicamente, contextualizando os episódios ligados ao cotidiano da imprensa e explicando-os segundo categorias típicas da análise marxista: modos de produção econômica, classes sociais, relações de poder etc.

Tratando-se de uma perspectiva que destoava em grande parte da historiografia oficial, o livro foi recebido com indiferença ou desconfiança por parte da crítica. Em certo sentido, pode-se dizer que a crítica o ignorou solenemente. O momento histórico da sua circulação (período compreendido entre o golpe de 1964 e o golpe-

dentro-do-golpe de 1968) tampouco era propício a manifestações dessa natureza.

Acostumado a merecer apreciações públicas sobre o seu trabalho, endossando-o ou contraditando-o, o autor experimentou um sentimento de mágoa diante do quase silêncio com que foi recebida sua história da imprensa. Ele expressa claramente essa sensação no livro de memórias *A fúria de calibã: memórias do golpe de 64* (Rio de Janeiro, Bertrand, 1994), quando reconstitui os fatos do ano de 1966.

No segundo semestre, apareceu a minha 'História da Imprensa no Brasil'. Há, realmente, e inexplicavelmente, livros de sorte e livros sem sorte. O meu pode ser catalogado entre estes: foi o mais trabalhoso, o mais demorado de quantos escrevi; (...) ao preparar o texto, nenhum me exigiu tanto trabalho. Pois bem, nada disso foi reconhecido. (...) O livro, além de tudo, muito grande, estava sendo vendido caro, numa fase de declínio acentuado do poder aquisitivo de nossa gente. (...) Tocando um problema que envolve grandes interesses, o livro se chocava com os proprietários de empresas jornalísticas, de sorte que não poderia esperar dos jornais que o elogiassem ou mesmo que a ele se referissem. (...) Lançado este, alcançou fraca repercussão no noticiário (p. 167-168).

No entanto, a indiferença em relação a este livro de Sodré não foi absoluta. Publicaram-se alguns comentários elogiosos, escritos por Jânio de Freitas, José Condé, Waldemar Cavalcanti. A única repercussão negativa apareceu no *Jornal do Brasil*; insinuando que a obra era produto de um plágio, dizia que fora calcada em matéria anteriormente publicada naquele diário carioca. Sem dar nomes ao bois, mas com um toque de humor, Sodré também registra esse episódio em suas memórias:

Não lhe faltou, apesar disso, aquela nota que faz parte da vida literária, é um de seus traços mais comuns e tropeço natural. Vai a pessoa pelo seu caminho, metida com os seus pensamentos, e sai-lhe um vira-lata atrás, mordendo-lhe o calcanhar. É assim com o escritor, depois que chega a certo nível. Assim acontece comigo, de vez em quando. E é evidente que, como no samba, resta apenas sacudir o pó da sola e seguir adiante. Um infeliz redator do 'Jornal do Brasil' acusou-me de me ter apropriado de trabalho que fizera para edição comemorativa daquele matutino; julgava-se proprietário de fatos e de datas. Claro que isso é sempre bom sinal, esse ladrar destinado a chamar a atenção para quem ladra (p. 169).

Com o passar do tempo, Sodré dissipou o desencanto com o escasso impacto inicial provocado pelo livro. Ele registraria a boa acolhida observada no ano seguinte, tanto no País quanto no exterior. Expressaram reações positivas os paulistas Judas Isgorogota, Oswaldo Lopes de Brito e Iderval Garcia; e negativa o carioca Otto Engel. Mas houve duas manifestações que o comoveram. Um delas adveio do *brazilianist* Lawrence Thomas, que considerou seu livro como “a definitive work” sobre a história da imprensa brasileira. A outra foi uma carta recebida do jornalista brasileiro Fernando Segismundo, dirigente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), enaltecendo os méritos da sua pesquisa.

Quem acreditou no sucesso da obra, desde o início, foi o editor Ênio Silveira. Ele mandou fazer uma grande tiragem. Apesar de relativamente caro, o livro foi muito lido e discutido por toda uma geração que chegou ao jornalismo por meio da universidade. Estávamos na fase de criação das primeiras faculdades de comunicação social e a obra de Sodré logo foi incluída na bibliografia básica da cadeira de História da Imprensa.

Contudo, ao recomendar aos seus alunos a leitura daquele livro, muitos professores se expuseram às perseguições então em voga durante o regime militar. Sodré foi incluído no *index* dos autores condenados pela ditadura. Isso não impediu que a obra continuasse a circular nos cursos de comunicação, constituindo uma fonte de referência para os pesquisadores da área. A periodização estabelecida por Sodré para o desenvolvimento da nossa imprensa – imprensa artesanal e imprensa industrial – ainda continua vigente, pois somente agora vislumbramos uma terceira fase – a imprensa digital.

Pela importância que Nelson Werneck Sodré assumiu na fundamentação histórica da maioria dos trabalhos de pesquisa sobre a imprensa, realizados nas universidades nacionais, ele é considerado um autor-chave para a constituição do Pensamento Comunicacional Brasileiro. Por isso mesmo, mereceu um perfil bio-bibliográfico escrito pelo jovem professor Josias Ricardo Hack, publicado em 1997, sob o título *Um general conta a sua história*, na revista da Universidade do Oeste Catarinense.

O trabalho de Hack faz parte de uma série de perfis biográficos que os mestrandos e doutorandos da Universidade Metodista de São Paulo estão elaborando sobre os cientistas brasileiros da comunicação e sobre os pesquisadores das áreas conexas (como é o caso de Sodré,

situado em disciplina-fronteira, a História) que contribuíram para aprofundar o conhecimento sobre o nosso campo acadêmico.

Para escrever o seu ensaio, Josias entrevistou o escritor Werneck Sodré, dele recebendo amável e eficiente colaboração. É bem possível que o historiador tenha acolhido o seu interesse como uma recompensa tardia (trinta anos depois) pela publicação do livro sobre a história da imprensa. De tal forma ele se dispôs a colaborar com o projeto que redigiu uma síntese autobiográfica. Hoje incorporada ao Acervo da Escola Latino-Americana de Comunicação, ela está disponível para consulta pública na Cátedra Unesco de Comunicação, localizada no campus da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo.

Vale a pena transcrever a última parte desse documento, datado de 21 de abril de 1997. Ela contém o seu perfil intelectual. Foi escrita com a intenção de orientar os futuros historiadores da imprensa brasileira. Mas também como roteiro para os exegetas da sua produção historiográfica.

Tornei-me escritor por vocação, provavelmente devido às grandes leituras que fiz desde a infância e que jamais cessaram. Comecei a escrever na revista 'O Cruzeiro', do Rio, com um conto premiado, em 1927. Em 1938, comecei a escrever, de forma sistemática, no 'Correio Paulistano', jornal editado em São Paulo que chegou ao centenário, desaparecendo depois. Nele mantive, por vinte e cinco anos, rodapé de crítica literária, que não foi interrompida mesmo com as transferências de residência motivadas pela carreira militar. Não tenho obras não impressas. (...) Todas as minhas obras, desde 1964, me são caras. As anteriores a essa data - 'Formação da sociedade brasileira', 'Panorama do segundo império', 'Oeste', 'Síntese de história da literatura brasileira' - não foram por mim reeditadas, por julgar que elas não mereciam. Naturalmente as minhas obras básicas são 'História da literatura brasileira', desde a 3ª edição, que reformula toda a obra, e 'Formação histórica do Brasil'. Gosto da 'Ideologia do colonialismo' e da 'História militar do Brasil'. Agradeço o juízo do professor José Marques de Melo. 'História da Imprensa no Brasil' teve três edições e cessou de ser reeditada porque meu texto é objeto de xerox nos cursos, o que invalida o livro. Ela resultou de trinta anos de pesquisas, acumuladas até a época em que, utilizando as pesquisas, escrevi o texto. Não sei se foi a melhor contribuição minha às ciências da comunicação, mas foi a que me deu mais trabalho. Trabalhei em jornal, na redação da 'Última Hora', no Rio, e conheci de perto o trabalho do jornal.

Minha técnica de pesquisa não tem nada de original. Para 'História da Imprensa', trabalhei nas redações dos principais jornais, utilizando as

coleções dos próprios jornais, particularmente as edições de aniversário, as seções de jornais e revistas antigas na Biblioteca Municipal de São Paulo e Biblioteca Nacional, do Rio. Sempre, em trabalhos de História, é importante, fazer uma lista de livros de consulta, a bibliografia, e redigir uma cronologia, que serve de roteiro para o texto a ser escrito. Sempre que abro um bom livro – hoje só leio bons livros – eu me informo, para julgamento, da bibliografia utilizada e do índice. Um autor é a imagem daqueles que ele frequenta. Minha recomendação, portanto, é seguir esse método.

Não tenho outras recomendações a fazer.

José Marques de Melo

Titular da Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, diretor da Faculdade de Ciências da Comunicação e da Cultura (Facom) e coordenador do Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social (PósCom) da Umesp.

Primeiro congresso dos comunicólogos portugueses

Foi só depois da Revolução dos Cravos (movimento militar responsável pelo fim do ciclo salazarista) que Portugal começou a formar, na universidade, especialistas em comunicação. Em 1979 foi instalado o primeiro curso do gênero na Universidade Nova de Lisboa.

Antes, ocorreram iniciativas destinadas a preparar jornalistas em instituições isoladas de ensino superior ou nas entidades de natureza profissional. Mas num país dotado de forte tradição academicista, o que se passava fora dos muros universitários não merecia a chancela das elites intelectuais. Tanto assim que o curso pioneiro da Universidade Nova de Lisboa adotou um perfil singular, identificando-se como centro de pesquisa da comunicação, suas linguagens e filosofias. Por isso mesmo enfrentou, desde o início, a resistência das corporações profissionais da área, manifestada abertamente através da imprensa.

Na última década, houve uma explosão e diversificação dos estudos comunicacionais nas universidades portuguesas, fenômeno aguçado pela proliferação da rede de ensino superior privado. Mas também as universidades públicas se abriram ao novo campo de conhecimento, abrigando não apenas os estudos de natureza lingüística, mas incentivando projetos sintonizados com as demandas profissionais. O caso mais expressivo é o da Universidade de Coimbra, onde se criou um curso de graduação em Jornalismo, depois ampliado para o âmbito da pós-graduação.

Hoje existem em todo o país mais de duas dezenas de cursos de comunicação. Alguns permanecem orientados para os aspectos teóricos do campo, enfatizando a pesquisa e a pós-graduação, dialogando prioritariamente com as humanidades e as ciências sociais. Outros buscam comprometimento explícito com as necessidades de formação de recursos humanos. Seus diplomados enfrentam os caminhos do mercado de trabalho na mídia impressa e audiovisual, bem como nas agências de publicidade ou nos organismos de comunicação empresarial.

Esse movimento permaneceu restrito às fronteiras nacionais, carente de um diálogo revitalizador com a comunidade internacional da área. As exceções a essa tendência foram marcadas por iniciativas pessoais de alguns pesquisadores, quase sempre limitadas a contactos esporádicos com personalidades e instituições do mundo francófono.

O rompimento dessa situação ocorreu há dois anos, quando Portugal sediou o I Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação. O evento foi organizado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com apoio governamental, explicitando a vocação internacionalista dessa entidade que pretende expandir-se para o "mundo que o português criou", já dispondo de unidades na África Portuguesa e negociando sua presença também no Brasil.

O artífice do encontro de Lisboa foi o professor José Bragança de Miranda, um competente acadêmico, entusiasta do pós-modernismo, com forte liderança nacional. Ele mobilizou recursos humanos e financeiros, com apoio de outros colegas da nova geração, viabilizando a presença de uma delegação de quarenta comunicólogos brasileiros, que dialogaram com os pesquisadores portugueses de várias universidades, do Minho ao Algarves.

O impacto da visita brasileira despertou os comunicólogos portugueses da tranqüila situação em que viviam internamente. O entusiasmo dos visitantes e o desembaraço com que atravessavam as fronteiras internacionais, resgatando a ousadia dos navegadores lusitanos do século XVI, mexeu com os bríos dos anfitriões.

Tanto assim que eles aceitaram sem pestanejar a formação de uma conexão luso-brasileira, fundando a Lusocom, federação lusófona das ciências da comunicação, aberta à futura participação africana. Logo depois, as lideranças portuguesas desse campo vieram ao Brasil, participando de encontros comunicacionais promovidos pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), em Santos, Aracaju e Recife. E observaram como o

Brasil vem, há algum tempo, fincando a bandeira da lusofonia nos espaços internacionais da comunidade acadêmica e ganhando gradativo reconhecimento mundial.

Não demorou a criação de uma sociedade portuguesa semelhante à Intercom. Seus principais impulsionadores são os professores Bragança de Miranda (Universidade Lusófona), Anibal Alves (Universidade do Minho), Pedro Jorge Braumann (Universidade Nova de Lisboa) e Joel da Silveira (Escola Superior de Comunicação Social), tendo a cumplicidade (e o apoio financeiro) do Secretário de Estado da Comunicação Social, dr. Arons de Carvalho, também docente e pesquisador da área.

A primeira ação pública da recém-fundada Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Sopcom) foi a organização de um congresso nacional, destinado a aglutinar a produção científica que se faz de maneira esparsa nas instituições acadêmicas de todo o país. Esse evento foi realizado no período de 22 a 24 de março deste ano, contando com a inscrição de quase duas centenas de comunicações científicas, distribuídas em dezessete grupos temáticos e meia dúzia de sessões plenárias.

O encontro transcorreu nas dependências da Fundação Gulbenkian, porém sua performance ultrapassou o gueto universitário. Apoiado pelas principais organizações midiáticas do país, especialmente as empresas públicas de rádio-televisão e os jornais de prestígio nacional, o primeiro congresso da Sopcom impressionou pela ampla divulgação. Painéis luminosos e cartazes foram espalhados pelas principais avenidas lisboetas, chamando a atenção do público em geral para o debate a respeito das "Ciências da Comunicação na Viragem do Século". Anúncios também foram inseridos na imprensa e nos intervalos da programação televisiva.

Era como se os comunicólogos portugueses quisessem queimar etapas na legitimação social da nova comunidade acadêmica. Talvez buscassem na sociedade civil o reconhecimento que as elites universitárias não estão dispostos a lhes conceder com tanta facilidade. Demonstrando coesão interna, apoio governamental e empresarial, além de simpatia da opinião pública, podem os dirigentes da Sopcom alcançar patamares mais favoráveis na luta pelas fatias dos recursos públicos destinados à investigação científica.

Contudo, o indicador mais expressivo do congresso de Lisboa foi a busca evidente do beneplácito internacional. Além dos representantes das principais associações científicas da área, comparece-

ram figuras emblemáticas da comunidade acadêmica, dotadas de prestígio mundial.

Os colegas portugueses quiseram testemunhar sua pujança nessa nova área do conhecimento. E certamente foram bem-sucedidos porque a qualidade média dos trabalhos selecionados, mesclando os pioneiros e a nova geração, apontava no sentido da excelência acadêmica.

É verdade que grande parte das comunicações científicas situava-se ainda no terreno do ensaísmo, sendo reduzidas as incursões no terreno empírico. Mas as contribuições trazidas pelos investigadores que foram ao campo observar os fenômenos midiáticos demonstravam vitalidade e renovação, recorrendo preferencialmente aos métodos qualitativos.

A estrela do congresso foi o cientista norte-americano, hoje radicado em Israel, Elihu Katz. Sua conferência inaugural teve como tema a relação entre mídia e sociedade civil. Ele absolveu os meios de comunicação de massa da pecha demoníaca que costumam lhe atribuir os intelectuais apocalípticos.

Fiel à "teoria dos usos e das gratificações", revisou um século de pesquisa sobre os efeitos midiáticos, demonstrando que a indústria cultural é acionada muito mais pelos "desejos" dos consumidores do que pelas "intenções" dos seus produtores.

A mídia não pode deixar de corresponder às demandas dos leitores, radiouvintes ou telespectadores, sob o risco de perder o patrocínio dos anunciantes e deixar de receber o financiamento que a mantém em permanente atividade. A não ser que seja refém exclusiva do erário público ou dos subsídios privados, ocultos ou ostensivos.

Katz recolocou na ordem do dia a questão que os cientistas norte-americanos emplacaram há anos no "debate crítico" sobre a mídia, tal como proposto pelos gurus da Escola de Frankfurt: "antes de perguntar o que a mídia faz com os cidadãos é indispensável saber o que os cidadãos fazem com a mídia." Para fundamentar seu ponto de vista, resgatou o primeiro estudo sobre a esfinge midiática, de autoria do psicólogo social francês Gabriel Tarde. Publicado em 1899, aquele texto discutia o papel do jornal diário como catalisador das conversações interpessoais nos cafés e outros espaços coletivos, onde se reuniam, na Europa, os formadores da opinião pública.

Por isso mesmo, Elihu Katz atribuiu a Gabriel Tarde o título de pai-fundador das ciências da comunicação, antecipando idéias-forças que depois seriam desenvolvidas por Lazarsfeld (fluxo da comuni-

cação em duas etapas), McCombs (*agenda-setting*) e Habermas (espaço público).

Foi estratégica a escolha de Elihu Katz pelos organizadores do congresso para dar o mote dos debates, tendo em vista o comportamento pessimista que ainda domina os intelectuais europeus em relação aos fenômenos midiáticos. Esse contraste começou a se evidenciar durante as sessões plenárias e os grupos temáticos, onde predominavam paradigmas ostensivamente frankfurtianos, com poucas mas brilhantes exceções.

A autoridade intelectual e o carisma de Katz certamente atuarão como contraponto à visão hegemônica na emergente comunidade acadêmica dos comunicólogos portugueses. As centenas de estudantes que lotaram disciplinadamente o auditório da Fundação Gulbenkian poderão enfrentar a esfinge midiática a partir de um outro referencial. E talvez ultrapassem a condição de maiorias silenciosas, expressão cunhada pela cientista alemã Noelle Neumann, vindo a atuar como vanguardas bem falantes, assumindo que a mídia não está dissociada do contexto da cidadania em qualquer país ou região. Converter a mídia em bode expiatório das sociedades nacionais ou do mundo globalizado é como tapar o sol com uma peneira...

José Marques de Melo

Presidente da Federação Lusófona
de Ciências da Comunicação.